

O NIETZSCHE DE DELEUZE: FORÇA, VONTADE DE PODER, ETERNO RETORNO E NIILISMO A PARTIR DE “NIETZSCHE E A FILOSOFIA”

DELEUZE'S NIETZSCHE: FORCE, WILL TO POWER, ETERNAL RETURN AND NIHILISM FROM 'NIETZSCHE AND PHILOSOPHY'

João Alexandre Moura Gomes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.146>

RESUMO: O livro Nietzsche e a filosofia (1962) de Gilles Deleuze inaugura, de maneira singular e rica, certas configurações conceituais e imagéticas acerca do filósofo alemão Friedrich Nietzsche e de suas obras. A questão primordial é: Quais são esses conceitos inaugurados e como estes se articulam? A partir dessas perguntas, propõe-se analisar neste artigo as interpretações filosófico-conceituais sobre as quais o filósofo francês fundamenta a filosofia de Nietzsche – apropriando-se de conceitos como vontade de poder, forças ativas/reactivas, eterno retorno e niilismo –, com o objetivo de demonstrar a coerência interna e a originalidade da imagem do pensamento nietzschiano construída por Deleuze.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche; Deleuze; Vontade de poder; Eterno retorno; Niilismo.

ABSTRACT: Gilles Deleuze's book Nietzsche and Philosophy (1962) uniquely and richly inaugurates certain conceptual and imagetic configurations regarding the German philosopher Friedrich Nietzsche and his works. The primary question is: What are these inaugurated concepts and how are they articulated? Based on these questions, this article proposes to analyze the philosophical-conceptual interpretations upon which the French philosopher grounds Nietzsche's philosophy – appropriating concepts such as will to power, active/reactive forces, eternal return and nihilism – in order to demonstrate the internal coherence and originality of the image of Nietzschean thought constructed by Deleuze.

KEYWORDS: Nietzsche; Deleuze; Will to power; Eternal return; Nihilism.



Introdução

A riqueza textual de Nietzsche em suas diversas obras impõe ao leitor uma determinada necessidade artística, a saber, a arte da interpretação: “Um aforismo bem construído não é ‘decifrado’ pelo simples fato de ser lido; é preciso, então, começar sua interpretação, o que demanda uma arte da interpretação” (NIETZSCHE, 2009; Prefácio, § 8). A leitura de Nietzsche não se fundamenta, portanto, em um desvelar (*Alétheia*) absoluto de seu texto: ela se concretiza, antes disso, em um exercício interpretativo artístico, a partir das quais os diversos diálogos possíveis com o filósofo alemão podem ser construídos sobre perspectivas singulares (AZEREDO, 1998). Dentre diversas leituras interpretativas, pertencentes ou não ao cânone filosófico ocidental, certamente a perspectiva de Gilles Deleuze se popularizou como uma das mais ricas e singulares abordagens sobre Nietzsche e sua vasta obra filosófica. Em linhas gerais, Deleuze introduz em Nietzsche a imagem de um filósofo sistemático - apesar de não dogmático -, cujo fundamento principal deste sistema ocorre pela proposta ontológica da vontade de poder: um princípio sistematizador das relações de forças, sendo, ao mesmo tempo, princípio genético e diferenciador das mesmas. Este artigo, a partir desta análise, visa compreender quais são os componentes interpretativos que são introduzidos na filosofia de Nietzsche a partir de Deleuze, e como sua conceitualização da vontade de poder deságua em ambos os conceitos de eterno retorno e niilismo.

As fontes de Deleuze: uma limitação histórico-metodológica?

É de basilar importância esclarecer, antes de propriamente adentrarmos na interpretação deleuziana de Nietzsche, que Deleuze situa-se em um período histórico no qual as já consagradas fontes de consultas nietzschianas – as chamadas obras críticas de Colli e Montinari – ainda não haviam sido publicadas.

Giorgio Colli eazzino Montinari, filólogos italianos, foram ambos os responsáveis por catalogar e corrigir não só as obras de Nietzsche publicadas em vida, como também os póstumos, manuscritos e cartas, todas estas deturpadas ideologicamente pela sua irmã Elisabeth Förster-Nietzsche – apoiadora declarada do partido nazista de Hitler. Com a morte de Nietzsche, em 1900, todos os seus direitos de propriedade intelectual foram transferidos à sua irmã, esta que posteriormente publicou a primeira versão da chamada “Vontade de poder”, edição essa que contou com diversas

alterações conceituais e ideológicas dos manuscritos de Nietzsche, visando sua adequação com a ideologia fascista. Tempo depois, apenas em 1967, ambos os filólogos italianos mencionados publicaram duas coleções: a *Nietzsche Werke*, compilando as obras e os fragmentos póstumos – abreviada como KGW¹ – e *Nietzsche Briefwechsel*, que contém suas cartas – abreviada como KGB². Todas estas edições possuem, ainda, três “complementos”: as edições de estudo críticas das cartas³, as edições de estudo críticas das obras e dos póstumos⁴, e por fim a compilação de todas as anteriores em um site digital, o chamado *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*.⁵

Pode-se perceber, sem esforço, que os estudos acerca de Nietzsche e sua filosofia possuem bibliografias absolutamente sólidas e confiáveis, re-visitadas e re-analisadas constantemente até os dias atuais e consagradas academicamente em todos os círculos estudados, sendo sinônimos de rigor metodológico caras ao estudo do pensamento de Nietzsche. Entretanto, com isto, levanta-se um problema metodológico acerca da interpretação de Deleuze: ainda não existiam estas edições críticas, e, conseqüentemente, muitas das ideias e das interpretações de Deleuze foram baseadas integralmente na edição deturpada da “Vontade de poder”, publicada pela irmã de Nietzsche. (DELEUZE, 2018, *Notas do editor*, p. 251). Esta limitação histórica não foi, claramente, culpa do filósofo francês, apesar disso, percorre-se uma corda bamba: equilibra-se entre a originalidade interpretativa de Deleuze, ao passo que suas fontes não são confiáveis.

Por esse motivo, ao ser publicada a edição crítica de Colli e Montinari, Deleuze foi um dos principais financiadores de sua tradução para a língua francesa, além de reconhecer que seu texto possui esse problema intrínseco que, infelizmente, não era de seu conhecimento à época.

As edições existentes sofrem de más leituras ou de deslocamentos, e, sobretudo, de cortes arbitrários operados na massa de notas póstumas. A

1 NIETZSCHE, Friedrich. *Werke: Kritische Gesamtausgabe*. Organizada por Giorgio Colli eazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1967-.

2 *ibidem*. *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*. COLLI, G. Colli e MONTINARI, M. (eds.). Berlin: de Gruyter, 197.

3 *ibidem*. *Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe (KSB)*. Organizada por Giorgio Colli eazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter; München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1986. 8 v.

4 *ibidem*. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe (KSA)*. Organizada por Giorgio Colli eazzino Montinari. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter; München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1988. 15 v.

5 *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*. D’IORIO, P. (ed.). Paris: Nietzsche Source, 2009- (Disponível em: www.nietzschesource.org/eKGWB).

vontade de potência é o exemplo célebre disso. Pode-se dizer ainda que nenhuma edição existente, mesmo a mais recente, satisfaz às exigências críticas e científicas normais. Eis por que o projeto dos senhores Colli e Montinari nos parece tão importante: editar, finalmente, as notas póstumas completas, de acordo com a cronologia a mais rigorosa possível em conformidade com os períodos correspondentes aos livros publicados por Nietzsche. (DELEUZE, 1967, p. 275-287).

Posterior a toda essa necessária contextualização histórico-metodológica, cabe a este artigo tomar uma posição. A discussão acerca da veracidade ou não da interpretação deleuziana sobre as obras de Nietzsche não nos é fundamental: ao contrário, adota-se a perspectiva de que, mesmo com todos estes percalços, *Nietzsche e a filosofia* ainda assim é um texto de relevância incomensurável, revelando-nos não só o trabalho interpretativo de um dos maiores e mais importantes filósofos contemporâneos franceses, como também a própria recepção de Friedrich Nietzsche no círculo acadêmico francês dos anos de 1960. *Nietzsche e a filosofia* é definitivamente um texto inscrito em seu tempo histórico, dependente de todas as fontes acadêmicas também pertencentes àquele momento, e, sem nenhuma ressalva, pode ser considerado como um dos mais relevantes escritos acerca de Nietzsche e de sua filosofia – cujo percurso de estudos e de popularização, inclusive, também são devedores de Gilles Deleuze.

O projeto da filosofia nietzschiana: os conceitos de valor e sentido

Segundo Deleuze, “O projeto mais geral de Nietzsche consiste em introduzir na filosofia os conceitos de sentido e de valor” (DELEUZE, 2018, p. 9), e este projeto só pode ser plenamente executado a partir de uma empreitada crítica. Este caminho visa à crítica da criação dos valores, ou seja, o valor dos valores, posto que a interpretação valorativa é a mesma que cria os valores propriamente ditos. Estas avaliações, em decorrência de sua dupla manifestação - criadora e avaliadora - são definidas como “maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo de princípios para os valores em relação aos quais eles julgam” (Ibid., p. 9-10). Esta caracterização deleuziana é fundamental, visto que é a partir deste momento que ele, então, introduz o duplo “Modo de ser” dessa avaliação que cria e julga valores: o modo baixo, vil, e o modo alto, nobre; estas são as duas fontes “essenciais” de avaliação do próprio valor dos valores.

Diferentemente das tomadas valorativas relativas ao utilitarismo e ao absolutismo (respectivamente, aqueles que defendem que o valor dos valores surgem de meros fatos objetivos, e aqueles que reduzem a crítica do valor dos valores em detrimento de uma defesa de valores já estabelecidos, “dados”, como as dualidades bem-mal, certo-errado e moral-imoral), Nietzsche empreende uma nova metodologia investigativa, a chamada “Genealogia”: “Genealogia quer dizer ao mesmo tempo valor da origem e origem dos valores. Genealogia se opõe ao caráter absoluto dos valores, tanto quanto a seu caráter relativo ou utilitário. Genealogia significa o elemento diferencial dos valores do qual decorre seu próprio valor.” (Ibid.). Dessa forma, Deleuze parte do argumento de que um método de avaliação dos valores, em primeiro lugar, deve analisar tanto os valores próprios quanto a origem dos mesmos; entretanto, como já mencionado, o instrumento que avalia estes mesmos valores possui uma dupla manifestação, a nobre e a vil, e neste caso a posição nobre de avaliação dos valores deve ser a fundamentação principal desta genealogia. Por que? Pois “a crítica nunca é concebida por Nietzsche como uma *reação*, mas sim como uma *ação*” (Ibid., p. 11), assim sendo, a pretensão filosófica de Nietzsche - segundo Deleuze - é a transmutação de toda a filosofia em uma genealogia ativa, criadora e avaliadora desses valores, nunca em um ressentimento reativo e opositivo à existência.

Já a análise do sentido, posteriormente, se fundamenta sobre uma força de apropriação das coisas, da capacidade de encontrar o sentido dos fenômenos na existência. O fenômeno, segundo Deleuze, não é uma “aparição” (*phainómenon*), mas sim um signo: “um sintoma que encontra seu sentido numa força atual” (Ibid.). Desta maneira a dualidade metafísica entre fenômeno e coisa-em-si é destruída, dando vazão à relação “fenômeno e sentido”, visto que um mesmo fenômeno pode adquirir um sentido diferente a depender da força que dele se apropria (Ibid., p. 12). A força é definida por Deleuze como “uma apropriação, uma dominação, exploração de uma quantidade de realidade” (Ibid.), como consequência, toda formulação de sentido acerca da realidade aparente é dada a partir de uma perspectiva da força, a qual, a partir da apropriação e da exploração de uma quantidade de realidade consegue, por fim, interpretar, avaliar, julgar: o pluralismo interpretativo do real, na filosofia de Nietzsche, precisa ser o ponto de partida mais elevado e nobre, a interpretação é propriamente “a mais alta conquista da filosofia” (Ibid., p. 13).

As forças

A principal metodologia filosófica de Nietzsche, segundo Deleuze - como visto anteriormente -, é a metamorfose da filosofia em um duplo aspecto: o aspecto do valor e do sentido. A partir do valor podemos rastrear, a partir do método genealógico, a interpretação do valor destes próprios valores, e, a partir do sentido, podemos analisar que tipos de forças se apropriam desses signos para que possamos tanto criar quanto interpretá-los como pertencentes a uma espécie valorativa específica. Com isso, dois pontos fundamentais precisam ser analisados: (1) como Deleuze caracteriza, de maneira geral, estas “forças” a fim de delimitar o conceito de “vontade de poder”, e (2) como Deleuze caracteriza, de maneira específica, ambas as forças ativas (nobre) e as forças reativas (vil) para que, dessa forma, atuem para a produção de sentido e valor das coisas?

Como dito preliminarmente, a força se caracteriza como “uma apropriação, uma dominação, exploração de uma quantidade de realidade” (Ibid., p. 12), um impulso que se descarrega e atua sobre alguma coisa. O que seria essa “alguma coisa”? Deleuze responde: sobre outra força. Pois, se a realidade é uma pluralidade interpretativa de sentidos, na qual “uma coisa tem tantos sentidos quantas forem as forças capazes de se apoderar dela” (Ibid., p. 13), então emprega-se uma crítica radical ao essencialismo e ao atomismo. Ambas tentam limitar a realidade plural a um elemento estático: a matéria, esta sendo entendida como uma entidade imutável, substancial, que permite que todas as coisas no mundo permaneçam o que já são. Não existe coisa alguma, na dinâmica da realidade, que já não seja atravessada pelas relações de forças, assim como não se pode pensar a dita “força” como uma substância, uma força metafísica imutável, visto que necessariamente toda força só existe em relação a uma outra (Ibid., p. 15): ela é objeto tanto de imposição quanto de submissão.

Dessa incessante relação de forças, dominantes e submissas umas às outras, nasce o seu aspecto diferencial constituinte de todo o real: a vontade de poder. Como é rejeitada toda e qualquer materialidade do real - materialidade, claro, no sentido exemplificado anteriormente -, conclui-se que uma vontade atua apenas sobre outra vontade, e não sobre *matéria*, “em suma: é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem ‘efeitos’, vontade atua sobre vontade” (Ibid., p. 16). A vontade, aspecto diferencial de toda força atuante de maneira impositiva ou submissa, atua apenas sobre outra configuração de forças tensionadas: é a partir do caráter diverso e plural das forças e de suas vontades relacionais

atuantes que nasce a possibilidade de constituição de um *corpo* (Ibid., p. 56). Nietzsche, segundo Deleuze, inaugura uma nova concepção corporal possível de ser afetada - e de afetar - outros corpos, visto que o corpo para Nietzsche não é uma matéria substancial, mas uma relação desigual e tensionada de diversas forças, “O corpo é fenômeno múltiplo, sendo composto por uma pluralidade de forças irreduzíveis: sua unidade é a de um fenômeno múltiplo, unidade de dominação” (Ibid.)

De todas as forças atuantes neste corpo, as forças superiores, de dominação, são chamadas de *ativas*, enquanto as de submissão, inferiores, são chamadas de *reativas*, estas são as qualidades principais que expressam - de maneira singular em suas múltiplas relações - os diversos jogos de forças com outras forças. A chamada *hierarquia das forças* não é compreendida, entretanto, como uma avaliação moral, ou seja, a força dita inferior e reativa não é mais ou menos importante nas relações em geral: visto que as forças precisam, necessariamente, se relacionar, e não há como - em um mesmo corpo - existirem apenas forças dominantes, pois assim não há relação possível. A hierarquia consiste, simplesmente, na distinção de forças atuantes, enquanto a forte e ativa domina e se apropria, a fraca e reativa se submete e conserva (Ibid., p. 56-57).

Como consequência direta de toda esta festa dionisíaca das forças, duas conclusões são trazidas à luz interpretativa: (1) a vontade de poder é caracterizada por Deleuze como o aspecto diferencial de toda a força existente, permitindo que ela forme uma nova “filosofia da vontade” – que será analisada propriamente em pouco tempo –, e (2) as forças ativas e reativas atuam na produção de sentido e valor das coisas como aspectos relacionais necessários de toda configuração do real, ou seja, não como qualidades acidentais que se somam aos fenômenos, mas como a própria estrutura dinâmica a partir da qual qualquer fenômeno pode emergir: portanto, existem apenas composições provisórias, hierarquias móveis e disputas de intensidade. O sentido de uma coisa não precede a relação de forças que a constitui, mas é produzido por ela; do mesmo modo, o valor não é um fundamento transcendente, mas sim efeito de uma determinada predominância qualitativa da vontade de poder. Assim, toda realidade deve ser compreendida como sintoma — expressão de uma economia de forças ativas e reativas que, ao se organizarem, configuram tanto modos de existência quanto sistemas de avaliação. É precisamente nesse ponto que a genealogia se impõe como método: ela não busca essências, mas rastreia as condições diferenciais que permitem a emergência de um determinado regime de sentido e valor.

A vontade de poder

Deleuze define uma força ativa como uma força cuja tendência maior é a potência, a dominação, a incorporação (Ibid., p. 58). Tais forças ativas, pulsionais e criadoras, são as de mais difícil apreensão e caracterização, pois elas são intrinsecamente de atividade inconsciente⁶, ao passo que nossas funções humanas – nossos órgãos, sentidos, “consciência” – são propriamente de qualidades reativas e reguladoras, não criadoras e dominadoras⁷. Apesar disso, como visto, a reatividade dos corpos humanos possui duas especificidades: (1) a reatividade e a conservação são processos necessários às relações de forças, e (2) é justamente essa relação tensionada e conflituosa das forças que nasce a “consciência”, ou “eu”, assim chamado por motivos unicamente classificatórios – pois o “eu” nada tem de unidade⁸.

“A consciência exprime apenas a relação de certas forças reativas com as forças ativas que as dominam. A consciência é essencialmente reativa; por isso não sabemos o que um corpo pode, de que atividade é capaz” (Ibid., p. 57); assim sendo, tanto as expressões das forças reativas e ativas encontram-se propriamente no corpo, com a diferença fundamental de que as forças ativas são de manifestações incognoscíveis, ao passo que as forças conservadoras vão de encontro aos nossos processos corpóreo-orgânicos: o corpo não é uma unidade, é um receptáculo das relações de forças.

Entretanto, seria essa força ativa que Nietzsche chamaria de “Vontade de poder”? Deleuze segue por outro caminho:

6 “A nós nos chega à consciência apenas as últimas cenas de conciliação e ajuste de contas desse longo processo, e por isso achamos que *intelligere* é algo conciliatório, justo, bom, essencialmente contrário aos impulsos; enquanto é apenas *uma certa relação dos impulsos entre si*. Por longo período o pensamento consciente foi tido como o pensamento em absoluto: apenas agora começa a raiar para nós a verdade de que a atividade de nosso espírito ocorre, em sua maior parte, de maneira inconsciente e não sentida por nós” (NIETZSCHE, 2019, § 333)

7 Deleuze, visando a afirmação desta interpretação, utiliza em nota o aforismo 354 de *A Gaia Ciência* (Ibid., § 354), no qual Nietzsche argumenta que o surgimento da consciência humana foi uma demanda evolutiva criada a partir do desenvolvimento da linguagem. A necessidade de criar signos e interpretações deu aos seres humanos o mecanismo linguístico, e com ele – visando tornar-se mais “senhor de si mesmo – a dita “consciência” teve seu nascimento, como um possível instrumento de total conhecimento acerca de seus processos internos e externos, estes que verdadeiramente não podem ser cognoscíveis à nós.

8 “Tudo o que entra na consciência como ‘unidade’ é já imensamente complicado: temos sempre somente uma aparência de unidade. O fenômeno do corpo é o fenômeno mais rico, mais claro, mais compreensível: deve ser posto metodicamente em primazia, sem que descubramos algo sobre seu significado último.” (NIETZSCHE, 2008, § 489).

A vontade de potência é o elemento do qual decorrem, ao mesmo tempo, a diferença de quantidade das forças postas em relação e a qualidade que, nessa relação, cabe a cada força. A vontade de potência revela aqui a sua natureza: ela é o princípio para a síntese das forças (DELEUZE, 2018, p. 68)

Ou seja, todas as relações de forças existentes possuem um princípio sintetizador: a vontade de poder. A partir de suas relações de ação e reação, expansão e conservação, aspectos qualitativos e quantitativos, as forças, em suas relações, formam amálgamas hierárquicos que são a expressão desse princípio ontológico diferencial: “A força é o que pode, a vontade de potência é o que quer” (Ibid., p. 68-69). A vontade de poder é, ao mesmo tempo, *o aspecto diferencial* e *o aspecto genético das forças* – respectivamente, o elemento determinante da diferença de quantidades de força, e o elemento determinante da diferença de qualidades das forças. Apesar de ser, ao mesmo tempo, esta tríade produtora, diferenciadora e sintetizadora, Deleuze não a delimita como uma fonte excludente do acaso, muito pelo contrário, produtora dele: visto que sem o acaso não haveria nem a plasticidade nem a metamorfose relacional das inúmeras forças constituintes do real (Ibid., p. 71).

Tal operação sintética da vontade de poder atua propriamente modificando as relações qualitativas e quantitativas das forças (de formas genéticas e diferenciais): enquanto as forças relacionam-se de forma *ativa e reativa*, a vontade de poder relaciona-se de modo a qualificá-las como *afirmativas ou negativas*; a vontade de poder afirmativa goza com a diferença, cria valores e avalia a partir da potência das forças ativas; a vontade de poder negativa, por sua vez, suprime a diferença, nega a vida em seu aspecto afirmativo e serve-se das forças reativas para depreciar tudo o que é ativo e criador. É desta maneira que a filosofia pluralista de Nietzsche – ou o perspectivismo – encontra seu vigor afirmativo completo: um fenômeno é uma interpretação de um signo singular, cuja dependência primeira ocorre a partir das forças que se apropriam desse mesmo acontecer; *Quem interpreta?* A vontade de poder, pelo seu aspecto genealógico. *Como interpreta?* A partir das forças quantitativas sobrepostas ao acontecer, sendo elas ativas e reativas – assim como afirmativas ou negativas, ao serem sintetizadas a partir das qualidades da vontade de poder.

A vontade de poder, a sintetizadora genética e diferencial das forças, ainda encontra duas ramificações de suas qualidades primordiais – ou seja, as qualidades afirmativas e negativas: o eterno retorno e o niilismo, respectivamente, sua máxima afirmação e sua máxima negação.

O eterno retorno

O eterno retorno é o princípio no qual há a maximização da qualidade afirmativa da vontade de poder, a eterna afirmação do “Jogo de dados da vida”, produtora incessante e eterna do acaso, o definitivo “ser do devir como tal, o uno no múltiplo, isto é, o número necessário, extraído necessariamente de todo o acaso” (Ibid., p. 43). Todo o real, como eterna luta tensionada da vontade de poder e de sua sintetização das inúmeras forças relacionais, exige propriamente que a vida mesma seja um constante lançar de dados, um jogo de coragem perante a afirmação do múltiplo e do acaso, *assim falou Zaratustra*:

Eu sou Zaratustra, o sem-deus: chego a cozinhar todo acaso em minha panela. E somente quando ele está bem cozido eu lhe dou boas-vindas, como meu alimento. E, em verdade, mais de um acaso me chegou imperiosamente: mas ainda mais imperiosamente lhe falou minha vontade — e logo estava ele de joelhos, a suplicar — a suplicar abrigo e coração junto a mim, e a dizer lisonjeiramente: ‘Vê, Zaratustra, somente o amigo procura o amigo!’ (NIETZSCHE, 2011, p. 163)

O afirmador da vida é aquele que, assim como Zaratustra, possui a coragem e o amor de *cozinhar o acaso* e, posteriormente, se deleitar com o mesmo, transformando-o em um delicioso banquete. A afirmação do acaso como princípio afirmativo da vida é também, como dito por Zaratustra, andar lado a lado com *a vontade*; que vontade? A afirmativa, que de tanto afirmar fez o acaso, inclusive, pôr-se de joelhos e suplicar abrigo junto a ele.

O eterno retorno é a Afirmação do ser do devir como tal, o que Deleuze quis dizer com isto, afinal das contas? Que é devir? A princípio a resposta já nos foi resgatada, o devir é o movimento da realidade que acontece devido aos inúmeros jogos de forças relacionais, estas que sintetizam-se nas qualidades da vontade de poder; mas há algo além: o devir é, propriamente, *o movimento das forças*, suas transformações eternas e incessantes de reatividade e atividade (DELEUZE, 2018, p. 84). Em absolutamente nenhuma hipótese a força é estática, ela é constante pluralidade e metamorfose, dessa forma ela mesma passa por transformações de qualidades – tanto da força quanto da vontade de poder, ambas as qualidades são diferentes, como ressaltado anteriormente. Este movimento de transformação não é uma relação causal, a causalidade mecanicista é uma hipótese rejeitada por Nietzsche, prefere-se conceituar o movimento

como graus de resistências – ou de não resistência – de uma força sobre a outra⁹.

Nesse movimento há duas possibilidades: um devir-ativo transformar-se em um devir-reativo, e o seu oposto. Como já pontuado por Deleuze (DELEUZE, 2018, p. 57) as forças ativas não são por nós passíveis de serem conhecidas, visto que seu funcionamento é majoritariamente inconsciente: e esta posição é aqui retomada, neste movimento de transformação, de devir das forças (Ibid., p. 84). Por isso, “não sendo sentido nem conhecido, só pode ser pensado como produto de uma seleção. Dupla seleção simultânea: da atividade da força e da afirmação da vontade” (Ibid., p. 89), e a única coisa que pode operar esta seleção, como já destrinchado, é o eterno retorno. O eterno retorno encontra aqui sua formulação prática, um direcionamento da vontade afirmadora da vida por meio de uma escolha ética seletiva: *o que quer que queira, queira de tal maneira que queira também o seu eterno retorno, a sua eterna (re) afirmação diante da vida*. O pensamento do eterno retorno é a relação com o movimento do devir-afirmativo da vontade de poder, “faz do querer algo completo [...], faz do querer uma criação, efetua a equação querer = criar” (Ibid., p. 90). Ao passo que o movimento do devir-negativo se configura como *a vontade de nada*, a qualidade da vontade de poder que nega a vida: o niilismo.

O niilismo

As qualidades e quantidades de forças não são aspectos morais da vontade de poder, ainda que se efetive como uma máxima negação e reação à afirmação qualitativa da vontade de poder, a cautela revela-se necessária: a vontade de negação ainda é uma vontade.¹⁰ E, ainda por cima, necessária, visto que o devir nunca ocorre de uma força afirmativa para outra força

9 “Indica-se uma quantidade de poder pelo efeito que ela exerce e ao qual ela resiste. Falta a adiaforia: que seria em si pensável. Ela é essencialmente uma vontade de domínio e de defender-se contra um domínio. Não há autoconservação: cada átomo atua sobre o ser em sua totalidade - ele é abstraído se se abstrai essa irradiação de vontade-poder. Chamo isso de uma quantidade de ‘vontade de poder’: com isso exprime-se o caráter que não pode ser abstraído da ordenação mecânica sem eliminar ela mesma.” (NIETZSCHE, 2008, § 634)

10 “[...] esse ódio ao que é humano, mais ainda ao que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio — tudo isto significa, ousemos compreendê-lo, uma vontade de nada, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma vontade!...” (Ibid., 2009, Cap. 3 - § 28)

afirmativa, pois a desigualdade é condição ontológica fundamental para que a relação de forças ocorra.

O que é a negação? “É uma qualidade da vontade de potência; é ela que qualifica a vontade de potência como niilismo ou vontade de nada, é ela que constitui o devir-reativo das forças” (Ibid., p. 85). Para além de uma vontade de nada, o niilismo também é categorizado como um “valor de nada” (Ibid., p. 189), um total descrédito e desvalor da vida ocasionado pela crença em uma ficção, as tão conhecidas ideias de “Deus”, “Mundo superior”, “O bem”: estas ideias não são meras ideias, são propriamente a base constitutiva de quaisquer outras ficções existentes. Tais valores superiores à vida, ficcionais, possuem como única consequência possível a negação da vida mesma, vontade e valor de nada, vontade de poder negativa como seu caráter qualitativo fundante, nasce aqui o *niilismo negativo*.

Deleuze ainda oferece uma segunda interpretação, esta sendo o *niilismo reativo*, no qual ele se manifesta como uma completa reação a tudo, tanto aos valores sensíveis quanto aos valores suprassensíveis – e não mais a afirmação de um em detrimento do outro –, “não há nada para ser visto atrás da cortina, as ‘características dadas ao verdadeiro ser das coisas são as características do não-ser, do *nada*’ [...]. Nada é verdadeiro, nada é bem, Deus está morto” (Ibid., p. 190).

Conclusão

Se ler e interpretar Nietzsche for, devidamente, uma arte – e assim acreditamos que seja, de fato –, então não restam dúvidas de que a interpretação deleuziana acerca da filosofia de Nietzsche se destaca como uma das mais originais e relevantes. Para além do ponto mencionado no primeiro tópico, acerca da fonte utilizada por Deleuze em seus estudos, cabe confirmar que sua conceituação e dissecação sobre os textos do filósofo alemão são perceptivelmente rigorosas, na mesma medida em que são criativas. Dessa forma, a exposição deste artigo procurou demonstrar, de maneira sintética, como esta construção conceitual criativa e rigorosa do filósofo francês em sua obra ultrapassa uma mera exegese e reconstrói toda a filosofia de Friedrich Nietzsche.

O caminho percorrido permitiu-nos a análise de diversos pontos, dentre eles: a apresentação da filosofia como uma ferramenta genealógica, cuja principal pesquisa é derivada a partir das noções de sentido e de valor; que o valor constitui-se propriamente em dois fundamentos, o nobre e o vil,

o criador e o ressentido, ambos criados e avaliados a partir de um sentido dado a eles em decorrência de uma interpretação de signos valorativos; que a interpretação desses signos, ou seja, seus valores atribuídos, também são resultados de apropriações de diversas forças que, pela vontade de poder, são sintetizadas em qualidades e quantidades diversas; a teoria ontológica da vontade de poder como um princípio diferenciador e genético, ou seja, mediador de quantidades e qualidades de forças atuantes sobre outras forças; e, por fim, como a atuação dessas diferentes qualidades da vontade de poder geram tanto o cume da afirmação, quanto o cume da negação: respectivamente, o eterno retorno e o niilismo.

Emerge, dessa conceitualização deleuziana, a figura de Nietzsche como um afirmador trágico, que a partir da máxima afirmação do eterno retorno como princípio fundamental da vida, não só avalia, como também cria novos valores e sentidos. O eterno lançar de dados do acaso, a coragem avassaladora de encarar a incerteza e de “cozinhá-la em sua panela” – assim fez Zaratustra – reforçam que a filosofia de Nietzsche sempre e eternamente afirmará a qualidade positiva da vontade de poder como um modo *à la Übermensch* de viver:

Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2019, § 276)

Referências

AZEREDO, Vânia Dutra de. Sobre a interpretação deleuziana de Nietzsche: intra-extratextualidade. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 5, p. 39–59, 1998.

BELL, Jeffrey A.; COLEBROOK, Claire (orgs.). **Deleuze and History**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

D’IORIO, Paolo. Nietzsche Source: Buscar, verificar, citar. Tradução de Samantha Lopes Inacio da Silva e Luiz Felipe Xavier Gonçalves. **Cadernos Nietzsche**, Rio de Janeiro/Recife/Santo André, v. 45, n. 3, p. 1-52, set./dez. 2024. Disponível em: doi.org. Acesso em: 5 de março de 2026.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Traduzido por Mariana de Toledo Barbosa, Ovídio de Abreu Filho. São Paulo, n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Conclusões sobre a vontade de potência e o eterno retorno**, in *Cahiers de Royaumont n. VI: Nietzsche*. Paris: Minuit, 1967, p. 257-287.

MARTON, Scarlett (org.). **Nietzsche hoje?** Colóquio de Cerisy. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. Tradução de Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: Annablume, 1997.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **O desafio Nietzsche**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Tradução do original alemão e notas de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes; apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo César de Lima. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Werke: Kritische Gesamtausgabe**. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1967-.

NIETZSCHE, Friedrich. **Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe**. COLLI, G. Colli e MONTINARI, M. (eds.). Berlin: de Gruyter, 197.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Briefe: Kritische Studienausgabe (KSB)**. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter; München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1986. 8 v.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe (KSA)**. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter; München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1988. 15 v.

NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke**

und Briefe. D'IORIO, P. (ed.). Paris: Nietzsche Source, 2009-
(Disponível em: www.nietzschesource.org/eKGWB).